

ARLINDO PORTO

BALANÇO em 30.660
dias de vida



MANAUS, 2013

Sumário

Apresentação 3

Arlindo Porto 5

Balanço em 30.660 dias de vida 9

Coordenação Editorial: Júlio Antonio Lopes

Projeto Gráfico: Lo-Ammi Santos

APOIO INSTITUCIONAL



REDE CALDERARO
DE COMUNICAÇÃO



Editora da
Amazônia

Apresentação

Júlio Antonio Lopes

Não é todo dia e nem é todo mundo que consegue, apesar dos formidáveis avanços da ciência, romper a barreira dos 80 anos. Só alguns privilegiados pela providência divina, como Arlindo Porto, são capazes de tamanha proeza. Mais raro ainda é chegar a esta altura da vida de bom humor, sem rancores, embora com muitas cicatrizes, em paz consigo mesmo e capaz de garimpar pedras preciosas no largo e fundo rio de suas memórias.

Este “Balanço em 30.660 dias de vida” em que Arlindo resume, com as tintas do coração, episódios marcantes de sua existência, é um documento útil não apenas para os que com ele conviveram ou convivem, mas também para quantos, nestes tempos ásperos de homens por demais flexíveis, precisam de uma referencial de integridade, de coragem e de superação. Arlindo é desta estirpe, que vai ficando rara.

Daí porque a Editora da Amazônia, empresa da Rede Calderaro de Comunicação (RCC), cujo fundador Umberto Calderaro Filho foi dileto amigo de Arlindo, presta-lhe, por ocasião de seu aniversário natalício, esta singela homenagem, em forma de plaqueta, enriquecida ainda por texto de seu compadre Bernardo

Cabral, publicado no jornal A Crítica, onde Arlindo também pontificou, e por precioso quadro iconográfico.

Bacharel em direito, político de valor, foi como jornalista, todavia, que Arlindo Porto se consagrou, e se realizou. Foi como contador de histórias. Chega ao ápice de sua jornada na presidência da Academia Amazônica de Letras (AAL), ativo, rápido de raciocínio, o mesmo velho e querido Arlindo de sempre, para quem a vida nunca foi curta porque nunca foi pequena.

Vida longa, irmão!

ARLINDO PORTO

Bernardo Cabral

Algumas vezes passamos os dois dificuldades, jamais necessidades. No Rio de Janeiro, estávamos sempre juntos, ligados pela cassação do nosso mandato parlamentar e pela suspensão dos direitos políticos por 10 anos.

Ele – distanciado da profissão de jornalista, que sempre foi e dos melhores – prestando os seus serviços de assessoria no campo do turismo, mercê de um contrato de trabalho que mantinha com uma empresa sediada na nossa terra, e eu, no exercício de advocacia, acoplado ao escritório simples de um velho amigo, pernambucano de origem e casado com uma amazonense.

Nessa fase, quais marinheiros ancorados ao cais da nossa recordação, lembrávamos os tempos do Colégio Estadual do Amazonas (àquela altura já dirigia ele o jornal “O Debate”); sua época de redator chefe dos Diários Associados, quando tinha apenas 17 anos; passando pela Faculdade de Direito do Amazonas (concluímos o curso juntos) e, mais tarde, o convívio na Assembléia Legislativa do Amazonas, que ele presidiu com absoluta e irretocável seriedade.

Quando ingressei – e com que dificuldade – no Instituto dos Advogados Brasileiros, lá estava ele a meu lado e dos meus familiares, compartilhando da vitória do Compadre que era também sua.

Do relacionamento havido nesse Templo de Juristas, foi ele, um dia, convidado por um diretor da extinta revista “Manchete”, o festejado Justino Martins, para fazer um teste. Para surpresa do consagrado mundialmente Justino – como ele mesmo registrou – estava ali, à sua frente, após o teste sem quaisquer prévios ajustes, um jornalista do mais alto quilate.

A proposta veio de imediato. Sem rodeios. Justino Martins o chamava para ser redator da revista com um salário que superava o que ele ganhava da empresa amazonense que representava e que, como instalação, apenas dispunha de modesto apartamento no Hotel Nelba, da rua Senador Dantas.

Como resposta, uma grande revelação: a negativa.

Preferia continuar prestando os seus serviços à empresa de turismo, porque o seu titular, amigo de tantas horas, dele se havia lembrado naquela fase difícil inicial que atravessara. Ingratidão não é vocábulo do seu dicionário pessoal.

Na recusa ao novo emprego, exibia ele o seu bom caráter.

Curioso destino: não muito tempo decorrido, vem a falecer o titular da empresa. O sócio remanescente – e que assumia o comando, dispensou, sumariamente, os



Entre os amigos Arthur Virgílio Filho, Almino Affonso e Bernardo Cabral.

préstimos daquele que se tinha portado com tanta dignidade.

Nova prova da sua verticalidade: não esmoreceu, não desanimou, não imprecou nem se lamentou. Passou a trabalhar naquela que era a sua verdadeira vocação: o jornalismo. E o fez em alguns dos mais conhecidos jornais do Rio. Venceu. Vitorioso, mais tarde largou tudo e retornou à nossa terra. Espécie de forasteiro que tinha perdido o hábito de partir.

Ao me eleger Relator-Geral da Assembléia Nacional Constituinte, suas sugestões foram sempre por mim aceitas. Ministro da Justiça e Senador da República, os seus conselhos recolhidos, a dimensionar o seu caráter, a sua dedicação, a sua honestidade pessoal.

Hoje está ele aposentado nas elevadas funções de Conselheiro do Tribunal de Contas do Amazonas, dedicando parte do seu tempo à Academia Amazonense de Letras (é integrante da atual Diretoria).

Autor de vários livros e publicações esparsas, em um deles, a qual deu o título de “Uma espécie em extinção”, faz uma definição antológica sobre o homem de bem, e que ora reproduzo:

“Assim o homem de bem, no Brasil, é um estorvo para a esmagadora maioria. Ele não se adapta aos costumes gerais. Ele não concorda em pagar nem em receber propinas, chegando mesmo a se irritar quando lhe oferecem comissões. Entende que os negócios devem ser feitos com lisura e transparência e que as pessoas devem ser pagas pelo que merecem e não pela proteção de alguém. O homem de bem é leal aos seus amigos e serve sem jamais esperar compensações.

Tal como os dinossauros que se extinguiram um dia e nunca mais voltaram a aparecer, a não ser com a sua ossada reproduzida em fósseis, o homem de bem não bajula, não incensa, não calunia, não cede em suas convicções para obter favores.”

No silêncio deste artigo, ao prestar-lhe uma fraternal homenagem, registro o seu nome completo. Arlindo Augusto dos Santos Porto.

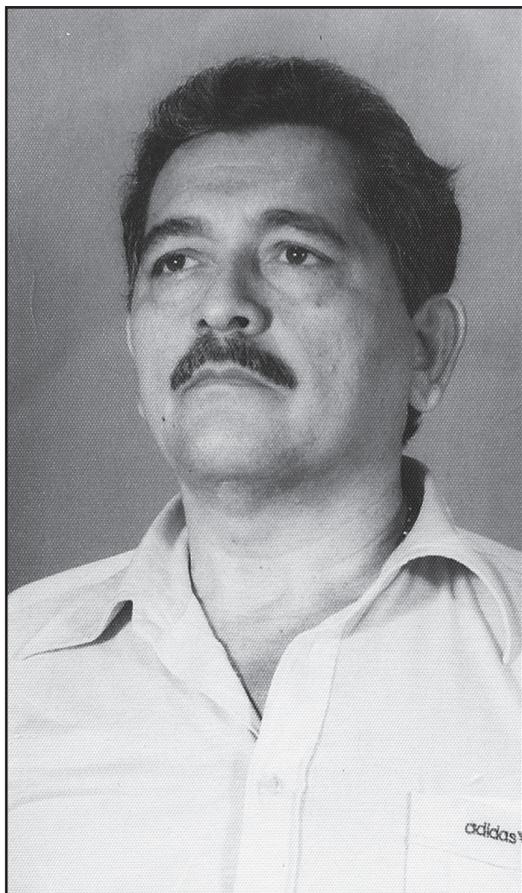
BALANÇO em 30.660 dias de vida

Arlindo Porto

No instante em que chego a meus 30.660 dias de existência, vencendo mais uma vez, pela graça do bom Deus, a sombria estatística que estabelece para os homens deste país o tempo médio de vida de 65 anos, proponho-me a encetar uma rápida jornada rememorativa do que foram esses anos todos de viver, embora sabendo que, com isso, corro risco, em certos pontos, de ser considerado imodesto por alguns poucos que, sem que eu saiba por qual motivo, não vão muito com a cara que papai e mamãe me deram.

Não importa. Correrei o risco, com a consciência plena da certeza de que não estarei mentindo.

Nos meses que precederam o 15 de fevereiro de 1929, era eu uma coisinha assim, de nada, nadando ainda no líquido que o corpo de Dona Inácia, minha mãe, criara em seu ventre, por iniciativa “seo” Haroldo, seu marido e meu pai, para que ali eu me desenvolvesse, depois de transformado de embrião em gente. Para o que eles queriam mais uma boquinha participando de sua frugalíssima mesa, acho que só a vontade de Deus



Na presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas.

explica, porque nessa altura, com uma trinca de filhos Maria, José e Mario vindos antes do signatário destas mal traçadas linhas, eles já atravessavam aberturas no tocante ao baco-baco da turma, papai carregando bagagens no cais do porto e mamãe lavando roupas alheias.

Felizmente e ai é quando se confirma para mim a mão boníssima de Deus, um vizinho deles, Aristeu Guimarães, que morava em frente ao barraco onde eu nasceria, ali na rua Nhamundá perto da Av. Joaquim Nabuco e que tinha a opima renda, para a época, de Guarda Aduaneiro, se auto convidara para ser o meu padrinho e se tornou, com isso, o meu protetor, quase um pai adotivo, acompanhando-me e ajudando-me por toda a vida. Praticamente, todos os custos operacionais de minha infância, meninice e juventude, desde alfabetização até quando eu deixei a “jaqueira” da Praça dos Remédios, empossado em um canudo de bacharel em Direito, foram bancados por aquele ser humano generoso, de uma grandeza moral imensurável, doado por Pernambuco ao Amazonas, estado este que muito amou e que hoje lhe abriga os restos mortais. Fiz todos os meus estudos em escolas particulares pagos pelo Teteu- hipocorístico infantil que minhas primeiras falas deram ao meu padrinho, conhecendo mestras como Eglantina, Rolanda, Beatriz e outras que me desasnaram nas primeiras letras, com elas aprendendo a ler e a escrever, além de várias outras que a voragem dos anos engolfou no esquecimento. Nas escolas do chamado curso elementar, antes da chegada ao então Ginásio Amazonense Pedro II (hoje Colégio Estadual do

Amazonas), recordo relações de aluno para mestre, com Pedro Silvestre (Colégio Brasileiro) e Francisco José de Maria Villa (Colégio Christophoro Colombo), que me ensinou um dia que “o ódio é um veneno que antes de atingir o seu alvo, já envenenou o coração de quem o sente”. E também que: “quando atirares lama contra alguém, antes de atingires o teu objetivo, já sujaste a tua mão com a imundice”.

Chegada ao Colégio Estadual naquele ano em que o Japão atacaria Pearl Harbour (1941), desencadeando a guerra ao Pacífico. Junto com Phelippe Daou, Raul Mendes, Gilberto Mestrinho, Sandoval e José Júlio Gomes de Oliveira, Jorge Teixeira de Souza, Ramiro Silveira, Silas Bento Rodrigues, Helio Silveira, Celda Beltrão, Georgina Muniz de Castro e muitos outros, alguns dos quais já atravessaram a linha da fronteira com o Além. Tempos maravilhosos. Inesquecíveis.

A vida foi sempre maravilhosa comigo. Tive colegas e mestres que me ensinaram lições de imenso saber, inclusive a de que odiar o próximo é uma estupidez. Aprendi a ser amigo na expressão máxima da palavra e saber perdoar a quem me fizesse mal. Lições que usei largamente ao longo dos meus anos de existência.

Em seguida, a Faculdade de Direito e o começo da luta pela vida. Redações diversas de vários jornais: “O Jornal do Comércio”, “O Jornal”, “Diário da Tarde”, “A Gazeta”, “O Trabalhista”, “A Luta”, “A Tarde”, e outras publicações de efêmera existência. A profissão de jornalista foi a única que imantou os meus dias, na moci-

dade, levando-me a ajudar na criação e tornando-me o primeiro presidente do Sindicato dos Jornalistas do Amazonas.

Convivência fraterna com gente assim como Herculano de Castro e Costa, Phelippe Daou, Otavio Pires, Epaminondas Barahuna, Irizaldo Godot, Almir Diniz, Oscar Carneiro, Ulisses Azevedo, Gutemberg Omena, Wilson de Queiroz Garcia, Milton Cordeiro, Weselys Miranda Braga, Alfredo de Belmont Pessoa, José Gabriel Pinto, Isaias Reis, Atlas Barbosa, Renato Silveira, Umberto Calderaro, Josaphat Pires, Rômulo Gomes, Josué de Souza, Sinval Gonçalves, Raimundo Parente, Bento de Oliveira, Mansueto Queiroz, Bianor Garcia, Caio Góes, Julio César da Costa, Newton Aguiar, Wuppslander Lima, João Bosco Ramos de Lima, Índio do Brasil, Andréa e Flaviano Limongi, Ademar Diniz, Jovino Lemos, Gilberto Barbosa, Costa Lima, Emanuel “Gleba”, Oscar Ramos, Correia Lima, Manoel Lima, Osny Araújo, Leandro Antony, Aristófanés Castro, Aristophano Antony, Jaime de Carvalho, Benedito Azedo, Raimundo Albuquerque, Álvaro Maia, João Mendonça de Souza, Leal da Cunha, Eduardo Guerreiro, Honorato Lima, Joaquim Antonio da Rocha Andrade (Jara), Pedro Ubiratan de Lemos... Muitos deles vivendo hoje apenas em espírito, no castelo das minhas recordações.

Levado por Áureo Melo meti-me em política. Tornei-me deputado estadual no primeiro mandato de Plínio Ramos Coelho, estreitando meus laços de amizade

com o então deputado federal Almino Affonso. Criamos a Frente Nacionalista do Amazonas e passamos a defender as estatizações, sobretudo do petróleo. Cheguei duas vezes à presidência da Assembleia Legislativa, o que naquele tempo equivalia constitucionalmente à vice-governança do estado. Governador: Gilberto Mestrinho. Em várias ocasiões, por ausência dele, assumi o governo, sem mudar meus hábitos diários, inclusive o de me auto-transportar no meu próprio jeep. Demagogia? Alguém perguntará. Não. Eu nunca precisei disso; apenas autenticidade quando ao meu modo de ser.

Viria 1964 e, com ele, toda aquela sequência de loucuras das quais restam hoje apenas lembranças. Não boas, mas também não de todo más, pois com os acontecimentos desenrolados, mais uma vez tive o ensejo de aplicar lições de saber perdoar. Cassação do meu mandato sem que o comando da Casa, da qual eu fazia parte como vice-presidente, desse a mim qualquer conhecimento da ordem recebida dos militares, um gesto de subserviência que me tornaria o único parlamentar estadual brasileiro a ter o seu mandado cassado pela própria Assembleia. Minha prisão por 128 dias, em seguida, no quartel do CIGS, em São Jorge, juntamente com Aldo Moraes, Campos Dantas, Cid Cabral de Silva, Licurgo Cavalcante, Manoel Rodrigues da Silva, Amazonino Armando Mendes, Padre Luiz Ruas, Ernesto Pinto Filho. Gente com quem aprendi novas lições de comportamento e também de como enfrentar as adversidades de cabeça erguida.

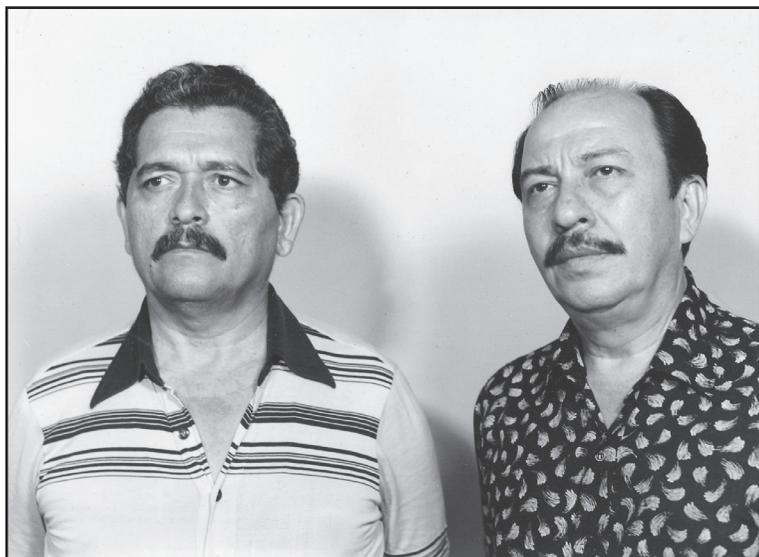
Volta às lides da imprensa, após o retorno à liberdade. Absolvido por unanimidade pela auditoria militar, que não encontrara nenhum senão condenável em minha vida pregressa. Desta vez para, ao lado de M. J. de Andrade Neto, tocar o início da extinta “A Notícia”. Seguidamente, busca de novos ares e mudança para o Rio de Janeiro, onde fiquei por 10 anos. Ali deixei, ao retornar para Manaus, os restos mortais de minha primeira esposa, Guilhermina, mãe de Vânia, Ivan, Alba, Zênia e Sandro. Passagem em plagas cariocas pelo “O Globo”, “Correio da Manhã”, “Diário de Notícias”, “Última Hora”, “Jornal do Turismo”, “Jornal do Brasil”, “O Dia”, e “A Notícia”. Para lembrar o Amazonas, representação da Agência “Selvatur”, a convite do saudoso amigo Vasco Vasques.

Volta para a maloca em 1981, a fim de participar do retorno de Gilberto Mestrinho ao Governo do Estado, no ano seguinte. “Garfado” na eleição, que fizera de mim deputado federal, mesmo assim estive na Câmara, em Brasília, como deputado, por algumas vezes. Tive a honra de votar pelas eleições diretas. Servi aos governos de Gilberto, como Secretário de Administração; Secretário de Comunicação; diretor de Arquivo Público e, um dia, muito tempo depois, já em outro mandato daquele meu antigo colega de estudos, Conselheiro por vários anos do Tribunal de Contas, por imposição de um ajuri de bons companheiros, dentre os quais Umberto Calderaro, Bernardo Cabral, Josué Filho Afrânio de Sá, Armando Menezes e outros.

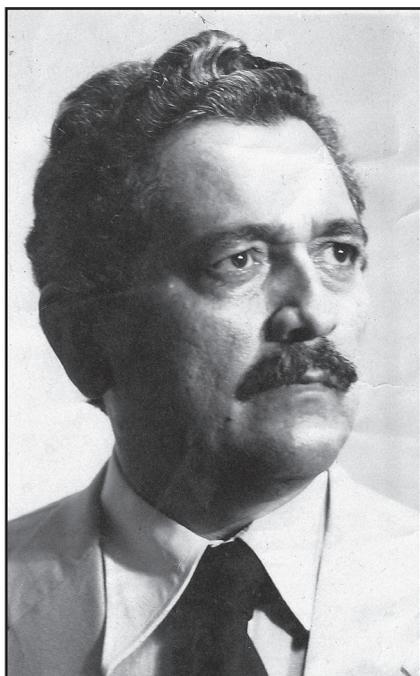
Hoje, escorridos tantos anos na ampulheta do tempo, aposentado, dedico-me aos afazeres da Academia Amazonense de Letras, a qual atualmente presido, e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual sou ex-presidente. Comandei também a Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores de Turismo do Amazonas e o Sindicato dos Jornalistas, cuja área de reuniões públicas, leva meu nome. Afirmo, sem medo de errar, que nesses anos não cometi nenhum mínimo gesto que fosse, de safadeza ou desonestidade, que possa fazer assentar-me diante do tribunal de minha consciência (único do qual ninguém escapa), para ser julgado. Minha vida pregressa é limpa e vivo feliz ao lado de Dagmar, minha segunda esposa, que me deu Luiz Augusto, Lúcia e Luciana. Graças a estes e aos filhos antes citados, tenho a cercar-me o carinho de 14 netos maravilhosos, Hanna, Halina, Juliana, Bianca, Marcelo, Arlindo, Ricardo, Ynara, Rafael, Felipe, Gabriel, Guilherme, Lívia e Alícia e de um bisneto, o Thierry. Tenho tantos amigos diletos que não consigo enumerar todos.

Se é verdade que a verdadeira felicidade consiste em não ter remorso de nenhum mal feito cometido, de haver gerado filhos que honraram o nome do pai, curtir netos incomparáveis, ser estimado e respeitado onde quer que chegue, estar em paz com a vida, então eu posso dizer que cheguei lá. Valeu!

Do que preciso mais para me sentir realizado nestes 84 anos de vida?...



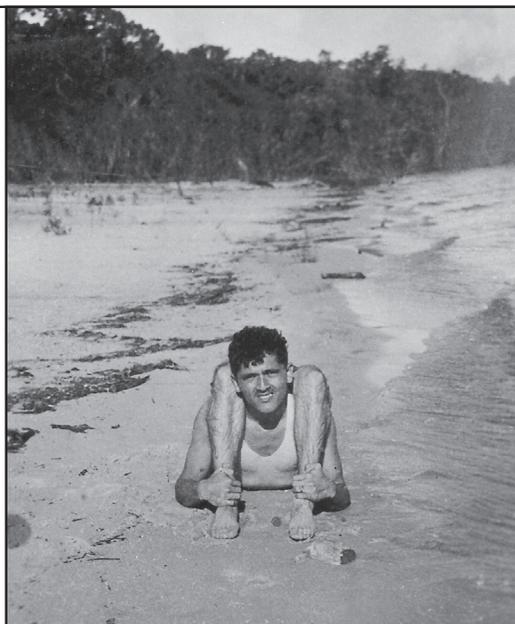
Com Almino Affonso, no tempo da Frente Nacional.



Como presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Amazonas.



Recebendo o canudo de bacharel em Direito.



Na mocidade, Arlindo Porto foi convidado pelos grandes circos internacionais, inclusive pelo Cirque du Soleil, para fazer números de contorcionismo, mas preferiu ficar se apresentando na praia da Ponta Negra, em Manaus.



Na presidência da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas.



Entre os amigos Gilberto Mestrinho e João Thomé.



Com Umberto Calderaro Filho, querido amigo e fundador do jornal A Crítica, onde Arlindo Porto também atuou como colaborador e articulista.